DISCORRENDO SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: PERTINÊNCIAS NO TRABALHO DOCENTE.

Natália Teixeira Ananias
Rita Filomena Andrade Januário Bettini
FCT/UNESP Pres. Prudente/SP
nathy_teixeira@yahoo.com.br
bettini@fct.unesp.br

Considerando as grandes transformações ocorridas em nosso país há mais de 500 anos, onde os primeiros índios recebiam um ensino voltado a catequização e salvação as almas com auxílio dos Jesuítas, pode-se visualizar atualmente significativas mudanças na educação, que recebe mais do que nunca apoio governamental e institucional para um bom trabalho com nossas crianças. O ensino orientado por séries, classes heterogêneas, materiais didáticos, professores específicos para as diversas áreas do conhecimento, constituem alguns pontos que encontramos nas diversas escolas de nosso país, fazendo a diferença para o desenvolvimento que esperamos dos indivíduos inseridos, rumo a cidadania e a coletividade.

Caminhando a uma prática educativa, é sabido que por meio do advento da imprensa e de uma organização da educação para todos os níveis, o livro didático para o Ensino Fundamental apresenta-se como uma grande ferramenta para a compreensão de diversos temas necessários a uma aprendizagem teórica e tradicional, que é importante para diversas áreas, sem contar que se constitui em um essencial suporte teórico para os docentes planejarem e efetuarem as aulas nas Escolas Estaduais, em todas as disciplinas, sem exceção.

Ao se efetuar uma breve pesquisa sobre os instrumentos de trabalho que a grande parte dos docentes utilizam atualmente, estejam eles inseridos na Rede Pública ou Privada de Ensino Fundamental e Médio, o grande utensílio que é consenso de todas estas instituições, é o livro

didático. Este material modifica-se significativamente, como visualizamos contemporaneamente, seja pela maneira expositiva dos conteúdos ou de sua própria composição pelas editoras e seus autores, pois, necessitam atender a um público determinado pela demanda social e pela carga teórica que cada volume deve possuir.

Levando-se em conta a temática do Ensino de História, efetuaremos neste trabalho uma discussão sobre o livro didático utilizado em Escolas Estaduais nas aulas de História das quatro últimas séries do Ensino Fundamental, ou seja, 6ª, 7ª, 8ª e 9ª séries respectivamente, por meio de fragmentos presentes em uma das coleções mais trabalhadas na cidade de Presidente Prudente-SP.

Para uma melhor compreensão, este trabalho será apresentado em alguns tópicos específicos que giram em torno do livro didático de História, seguindo em um primeiro momento uma breve discussão histórica embasada em dados do Ministério da Educação sobre a trajetória do livro didático no século XX e início do século XXI. Após esta exposição, discutiremos no que consiste o livro didático de história e alguns pontos que enfatizam-no dentro do Ensino Fundamental, apreciando num terceiro ponto também o que esses livros de história utilizados nas escolas estaduais oferecem tanto a docentes como a discentes respectivamente, com exemplos extraídos de uma coleção didática para as aulas de História.

Por fim, teceremos alguns pontos sobre o livro didático de História e seus parceiros de trabalho, que são os outros materiais existentes a disposição das aulas, como, por exemplo, os exemplares paradidáticos, filmes, artigos específicos, ponderando a presença deles não só na cidade de Presidente Prudente, mas em todo o mundo, atrelados as modificações que a História sofre ao longo das ações do homem e de seus conhecimentos.

1-Conhecendo a trajetória do Livro Didático no Brasil...

Ao longo do que conhecemos sobre a História da Educação, precisamente no Brasil, como o acesso de todos os alunos a uma escola gratuita e de fácil acesso em todas as localidades, alguns fatos importantes se apresentam como participantes, o Livro Didático, por exemplo, a escola criada para a elite e a para o trabalho dos menos favorecidos, uma política educacional aos materiais utilizados nas escolas, enfim, fatores que colaboram para posteriormente compreendermos o real papel do Livro Didático no processo de ensino-aprendizagem.

Em meados da década de 30, onde encontramos os manuais didáticos, mais precisamente no ano de 1938, são criadas as primeiras políticas sobre o Livro Didático, com apoio do Instituto Nacional do Livro (INL), para um aumento de produção dos livros e legitimação desse material por todo o país, instituindo assim, a Comissão Nacional do Livro Didático.

Na década de 40, por meio do Decreto-Lei nº 8460, de 26 de Dezembro de 1945, o Governo consolida uma legislação sobre as formas de produção do Livro Didático, a sua utilização e importação, deixando a cargo dos docentes a escolha dos livros que serão consumidos nas escolas.

Por volta dos anos 60, o Ministério da Educação (MEC), juntamente com uma agência norte-americana para o desenvolvimento internacional (USAID), estabelecem convênios que direcionam verbas para a distribuição gratuita de 51 milhões de livros, em um período de 3 anos, continuando também depois de algum tempo.

Nos anos 70, termina-se o convênio MEC/USAID, onde o Estado começa a criar um sistema financeiro que efetivasse verbas para os exemplares das escolas, sendo o Fundo do Livro Didático. Além desse ponto, o Instituto Nacional do Livro (INL) dá início a um programa para os Livros Didáticos do Ensino Fundamental (PLIDEF), coordenado pelo próprio país. Em 1976, extingue-se o INL, criando-se o FENAME (Fundação Nacional do Material Escolar), que responde nesse momento como executor do Programa do Livro Didático em escolas públicas somente, devido a poucos recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Adentrando aos anos 80, a FENAME é substituída pela FAE (Fundo de Assistência ao Estudante), que incorpora o PLIDEF. Com a instituição do decreto nº 91.542, de 19 de agosto de 1985, algumas mudanças em toda a rede existente sobre os Livros Didáticos acontecem, como por exemplo, a reutilização dos livros por mais estudantes, implantação de banco de dados de Livro Didático, controle total do Governo Federal, sem participação dos Estados, entre outros aspectos.

Nos anos 90, por limitações de orçamento, os Livros Didáticos são restringidos somente até a 4ª série do Ensino Fundamental (atualmente a 5ª série.). Em 1995, com a volta de mais investimentos para a Educação, a distribuição dos Livros Didáticos no Ensino Fundamental volta a acontecer normalmente. Já em 1996, forma-se uma comissão que começa a avaliar os Livros Didáticos, para melhorar a escolha dos exemplares por meio dos professores, fato este que ocorre até os dias de hoje. Destacamos nesta década também, uma comercialização dos Livros Didáticos de História e Geografia no ano de 1997 pelo Governo Federal, acoplados aos já existentes, ou seja, Língua Portuguesa, Matemática e Ciências.

Após o ano 2000, são desenvolvidos exemplares didáticos para alunos portadores de necessidades especiais, incluindo também a distribuição de dicionários de Língua Portuguesa, Inglesa e Espanhola, Atlas Geográfico, entre outros materiais, contribuindo para uma educação mais acessível aos conteúdos escolares, que colaboram conjuntamente para as aulas de História.

Apesar de termos propiciado alguns comentários sobre o histórico dos livros didáticos no Brasil já no século XX e XXI, é importante pensarmos também neles anteriormente, como por exemplo antes do surgimento da imprensa, onde os próprios alunos elaboravam os seus "cadernos de textos" manualmente. Com a criação da imprensa, os livros formaram os primeiros produtos fabricados em uma grande escala, porém, eram restritos a uma classe nobre, que entendia os assuntos e adquiria com grandiosidade esses materiais. Iniciando o século XX, a escola ainda não era um local para todos os alunos, sendo uma ocasião que encontramos os "manuais escolares"; somente após a década de 60, esses manuais são substituídos pelos livros

didáticos e finalmente na década de 90, os livros didáticos, incluindo os livros de História fornecidos pelo governo.

Contemplando a estrutura técnica dos livros didáticos, com o início de uma valorização por meio do governo, muitos autores que compunham os livros, principalmente os designados a História, modificam suas formas de estruturação dos livros, levando em conta que, muitos autores, como, Ricardo Faria e Jobson Arruda, além da docente Joana Neves, pesquisadores e professores do Ensino Superior, dentro das ações desempenhadas nas editoras, privilegiam contato também com outros profissionais, como revisores e avaliadores dos livros, editores, ilustradores,dentro de uma "indústria editorial".

Pensando a respeito disso, segundo Gatti Júnior:

"A existência do mercado consumidor é uma condição óbvia para a sobrevivência das coleções didáticas e, no caso brasileiro, das próprias editoras. Sem as compras do governo federal, boa parte das editoras nacionais não teriam crescido tanto como cresceram entre as décadas de 1970 e 1990."
(2004,p.183)

Outra categoria presente também na elaboração dos livros é que, a linguagem e as temáticas pertencente aos conteúdos, que num primeiro momento possuíam grande ligação com suas pesquisas e uma linguagem extremamente acadêmica, passa a ser mais coloquial e simplificada, atendendo aos programas pré-determinados e a uma clientela que necessita do contato com os conteúdos históricos, mas de uma maneira simplificada e acessível.

2- Refletindo sobre o Livro Didático de História: algumas designações.

Diante de uma retrospectiva histórica, nos voltemos agora para o que se constitui realmente o Livro Didático, sempre em conexão aos exemplares para as aulas de História, sem deixar de mencionar os professores e alunos que utilizam esses materiais. De acordo com Décio Gatti Junior (2004), os Livros Didáticos são "objetos da cultura escolar", sendo ainda uma amostra das relações culturais vivenciadas nas escolas, que colaboram no cenário nacional e internacional da Educação. De fato, o Livro Didático pode se apresentar também no sistema Educacional, principalmente o público e gratuito como uma forma de "garantia" educacional por todos aqueles que utilizam desse material.

Por outro lado, segundo SOARES (2004)

> Muitos e vários olhares vem sendo lançados sobre o livro didá-
> tico nos últimos anos: um olhar pedagógico, que avalia qualidade
> e correção, que discute e orienta a escolha e o uso; um olhar polí-
> tico, que formula e direciona processos decisórios de seleção, dis-
> tribuição e controle; um olhar econômico, que fixa normas e parâ-
> metros de produção, de comercialização, de distribuição. Avaliar
> qualidade e correção, orientar escolha e uso, direcionar decisões,
> fixar normas...são olhares que prescrevem, criticam ou denunciam;
> por que não um olhar que investigue, descreva e compreenda? Olhar
> que afaste o "dever ser" ou o "fazer ser", e volte-se para o "ser" – não
> o discurso sobre o que "deve ser" a pedagogia do livro didático, a pó-
> lítica do livro didático, a economia do livro didático, mas o discurso
> sobre o que "é", o que "tem sido", o que "foi" o livro didático".
> (SOARES APUD GATTI JUNIOR 2004, p.32).

Ao lado desses fatos históricos expressos neste trabalho anteriormente, não podemos nos esquecer ao nos remetermos sobre o livro didático, principalmente os exemplares da área de História, uma permanência de relatos e conteúdos distantes da realidade dos alunos, por possuírem uma linguagem não-acessiva a quem se utiliza desses livros e a

criação de uma identidade educacional sobre o que se estuda, alienante e incorreta.

> "Se os livros didáticos assumiram um papel importante nos processos de ensino e de aprendizagem desenvolvidos na educação escolarizada, quais eram as conseqüências deles não estarem disponíveis para toda a população que ocupava os bancos escolares? Ao que parece, o livro didático tornava-se mais um dentre os diversos objetos culturais que assinalava diferenciação e exclusão social".
> (GATTI JUNIOR, 2004, p.25).

Sem dúvida, o controle que existia sobre os conteúdos, que os livros didáticos deveriam apresentar, no contexto nacional, diminui por meio do governo, mas o posicionamento e a compactação dos conteúdos pelas editoras e autores, prossegue até hoje.

> "Nas três últimas décadas do séc.20, a linguagem do texto didático passou por profundas mudanças. Se até a década de 1960 os textos escolares eram escritos em um vocabulário próximo do acadêmico, a partir da década de 1970, eles passariam a ser adaptados às necessidades do público leitor."
> (GATTI JUNIOR, 2004, p.45.).

Vê-se também que, os textos presentes nos livros didáticos são frutos da leitura e compreensão de uma determinada unidade didática pelo autor, onde ele elimina grandes assuntos, pelo motivo de ser algo resumido e compacto para a utilização nas aulas. Infelizmente, expõe-se nesse momento um problema que interfere na qualidade das aulas que são dirigidas somente pelo exemplar didático, ou seja, o aluno é privado de

conhecer outras vertentes sobre o assunto tratado em sala, por possuir um livro incompleto e o professor, "acomoda-se" com o tipo de material, por estar pronto e acessível a todos, não pensando na qualidade de suas aulas, e sim, na quantidade dos conteúdos transmitidos.

Se nos retrocedermos para as funções da escola, que não podem ser esquecidas, onde encontramos a transmissão de conteúdos clássicos e formação para a cidadania, as duas denominações perdem-se ao longo do sistema educacional, fator este ocasionado por uma decadência na cultura de docentes e discentes, além de um esvaziamento nos conteúdos por meio da formação e prática dos professores, finalizando esses procedimentos com os livros didáticos, que seria a salvação para professores que não apresentam uma apropriada formação, mas um material didático em mãos, e para os alunos, um meio de conhecimento, porém, que restringe uma capacidade de pesquisa pertencente a esse indivíduo e que não é desenvolvida.

No entanto, se nos voltarmos para a área da História contemplada nos livros didáticos, encontramos "análises" de fatos do passado, na tentativa de explicar ou entender algo, perdendo de certa forma o sentido que se tem na contemporaneidade, que é de estabelecer relações. De acordo com Dalarosa(2000):

> "A história, assim estudada nos livros didáticos, acaba tendo um caráter idealista em virtude de divagar pelo mundo das idéias sem buscar entender a lógica da contradição dos fenômenos sociais. Os fatos aparecem como 'naturais' e dificilmente são analisados como a expressão de um contexto marcado por contradições produzidas a partir das condições materiais em que os homens se encontram em determinado contexto histórico." (DALAROSA APUD LOMBARDI, 2000, p.45).

Como uma importante área do saber, espera-se que por meio do aporte oferecido pelo livro didático de história, as aulas de História sejam direcionadas para uma reflexão sobre os mecanismos dominantes que contribuem para o desenvolvimento dos relacionamentos sociais, assim como as ações de exclusão e dominação, que surgem em nossos conteúdos didáticos e estabelecem uma única vertente, sem a perspectiva de modificações ao longo de uma aprendizagem.

3- Tecendo comentários acerca de uma coleção didática: a ideologia presente.

Conduzindo este trabalho a um foco mais prático, busca-se assim, uma análise crítica que desmistifique a visão tradicional e ideológica que se tem quando consultamos um livro didático utilizado em História do Brasil, principalmente no que diz respeito à forma que esses livros são utilizados, levando em conta uma das funções do livro didático que é "cumprir sua missão de formação, de informação, de estímulo ao espírito crítico, de integração da criança no mundo tal como ele é".(ECO e BONAZZI, 1980).

Diante desses comentários, vários conceitos poderiam ser atribuídos para o Livro Didático, principalmente para os exemplares de História, como sendo um material portador de saberes específicos para as disciplinas e "abordados" como absolutos para a organização das aulas e ao mesmo tempo, instrumento de consulta para o aluno, mas hoje, vê-se que o professor também transfere todas as suas ações e pensamentos para esse material didático, transferindo discretamente também uma forte carga ideológica.

Concomitante com algumas discussões realizadas por Marilena Chauí (2001), é imprescindível que faça parte do direcionamento dessa discussão um conceito muito presente no material que se analisa, considerando assim, a ideologia, como um conjunto articulado de idéias, valores, opiniões que expressam a visão de um determinado grupo. Infelizmente, o que se percebe é que a grande massa popular não consegue a sua maneira de

expressão relacionada aos seus valores e crenças a fatos essenciais de nosso cotidiano, onde restam somente a opressão e dominação por conceitos maiores, que por muitas vezes são aprendidos nos livros didáticos e tidos como verdades indiscutíveis.

Para entendermos de forma mais explícita como se apresentam esses exemplares didáticos de História no Ensino Fundamental, realiza-se assim, uma pequena visualização amostral desses Livros Didáticos de História, sendo livros utilizados nas sextas, sétimas, oitavas e nonas séries do Ensino Fundamental. Ao realizarmos um trabalho direcionado a História da Educação, a primeira impressão que se tem é que será referente a uma pesquisa bibliográfica, segundo Ciro Flamarion S. Cardoso. Mas, para que esta visão seja modificada nesse campo, propõe-se uma metodologia voltada para a análise de um material, para que os contatos com os conteúdos sobre o Livro didático de História sejam assegurados permanentemente, lembrando sempre da veracidade e objetividade que os trabalhos devem demonstrar. Delimita-se esse estudo por se trabalhar com um objeto muito específico, ou seja, o Livro Didático de História, material utilizado pelos alunos nas suas aulas de História do Ensino Fundamental, além de se tratar de um material presente na realidade escolar dos alunos que merece atenção adequada, por apresentar particularidades na História de nosso país que poderão formar opiniões e desconstruir conceitos pré-estabelecidos.

A coleção didática escolhida para esta pesquisa fez parte do PNLD 2007 para as Escolas de Educação Fundamental do estado de São Paulo, sendo composta de 4 exemplares que contemplam o 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental (antiga 5ª a 8ª séries.). A primeira visualização que se tem dos exemplares diz respeito ao material que são feitos, sendo encadernados na forma de "livros Brochura", com aproximadamente 200 páginas em cada exemplar.

O primeiro volume diz respeito a uma História do Mundo, que vem desde as primeiras civilizações até as primeiras viagens de expedição pelas linhas marinhas. Em relação ao 2º volume, o conteúdo pertencente contempla o início da colonização do Brasil, além das primeiras cidades até

o séc. XVII. Para o terceiro livro, a História do Brasil no início do século XVIII e século XIX é apresentada aos estudantes e finalmente, no último exemplar dessa coleção, traços do século XIX e XX são desenhadas aos estudantes, com alguns pontos em comum que são estudadas na área da Geografia também.

O que se percebe também é que todos os exemplares desta coleção analisados mostram para professor e aluno formas bem compactas de se estudar um determinado momento da História, seja ela no âmbito macro ou micro, com muitas figuras, títulos em caixa alta e em negrito para maior ênfase dos que consultam, além de perguntas de interpretação de textos que levam aos indivíduos que utilizam-nos de um trabalho rápido e que necessita de memorização para uma suposta aprendizagem.

Por meio de um rápido contato com os exemplares do professor, o que se pode compreender é que ao se apresentar um encarte destinado a explicações de como o professor pode utilizar esses livros como complemento de aulas, existem sugestões de livros paradidáticos, filmes, fotos e gravuras, além de sites para pesquisa, mas infelizmente, são sugestões muitas vezes não compreendidas pelos professores por uma "fraca formação" ou até mesmo por falta de condições oferecidas na escola para tais aulas, como poucos livros, salas superlotadas, evasão escolar, repetência, entre outros pontos, tornando assim, os livros didáticos de história como uma fonte única de cultura escolar.

A respeito disso, Décio Gatti Junior (2004) tece algumas afirmações:

È perceptível o fato de nos livros didáticos apresentam-se os conteúdos disciplinares de forma explícita. Assim, estes conteúdos que constantemente mudam, são sempre uma seleção daquilo que deve ser trabalhado nas escolas. Este caráter seletivo é extremamente importante na compreensão dos livros didáticos."(2004, p.30)

E comenta também:

"...pode-se observar que em diversos momentos, diferentes coleções didáticas destinadas para um determinado grau escolar apresentam conteúdos e textos muito parecidos. Quais as razões disso? Provavelmente, a existência de um consenso social em torno do ensino daqueles conteúdos e não dos outros, ou seja, na sociedade cria-se uma variedade de determinações e imposições que não abrem muito espaço para experiências alternativas". (GATTI JUNIOR, 2004, p.30)

Poderíamos citar também como pontos observados nos livros didáticos de história da coleção analisada, o aparecimento somente das informações básicas para o aluno nos períodos observados, onde, se ele só possuir o contato com esse livro, aprenderá de forma fragmentada momentos da História importantes para seus conhecimentos, como por exemplo, a Colonização do Brasil e o porquê desse fato, a Inconfidência Mineira e o que levou a esse momento que não teve somente como protagonista Tiradentes, além de outros assuntos, que nas séries seguintes serão condição essencial para o entendimento de próximos temas.

È importante ressaltarmos neste momento que, por se tratar de uma primeira amostra sobre a coleção didática para as aulas de História, aspira-se num segundo momento de desenvolvimento desta pesquisa um contato mais próximo com os docentes que se apropriam destes livros para suas aulas de História no Ensino Fundamental, levando em conta que, muitas práticas efetuadas por eles são norteadas pelos livros didáticos, e que podem transmitir diversas formas de trabalho, onde por meio de entrevistas, procuraremos constatar até que ponto os conteúdos presentes nessa coleção analisada podem interferir para o ensino da disciplina de História na aprendizagem dos alunos e no trabalho docente.

Compreender a História ocorrida em momentos anteriores ao que vivemos hoje se torna essencial para que não somente o aluno, mas também o professor consigam efetuar intercâmbios com outros assuntos que fazem parte do nosso cotidiano, incluindo também as ações sociais a que estamos inseridos por meio das relações do trabalho, do poder das classes populacionais, onde a escola apresenta a esses grupos as informações que contribuirão rumo a cidadania.

Uma parcela do que a coleção didática de história nos apresentou, possui conexão com o que podemos chamar de "homogeneidade cultural", que

"... é construída pelo Estado nacional como condição de existência original. Para essa construção, o Estado mobiliza a educação nacional, buscando a unidade lingüística e a homogeneidade de valores na esfera da cultura, contando com a elaboração dos intelectuais engajados na promoção do desenvolvimento, os quais dão vida aos mitos nacionais..."(CASTANHO APUD LOMBARDI, 2003, p.23).

Do mesmo modo que a Homogeneidade cultural é criada pelo Estado, outro fator que se evidencia também ao se utilizar um livro didático diz respeito à ideologia presente nos exemplares escolares, mas neste caso, os livros de História, que propõe-se de maneira sutil aos olhos de quem consulta esse livros, mas que estabelece formas de trabalho e de ensino para quem ensina e quem aprende. Além de o aluno estar em uma ambiente educacional, é importante frisarmos que, muitos professores não possuem formação adequada para ministrar aulas na Rede Estadual de Ensino, e muitas vezes, aprendem inicialmente com os livros didáticos para que "repasse" para o aluno os temas que são pertinentes à aprendizagem, sendo incluídos do mesmo modo nesse sistema ideológico criado para tal sistema.

Se pensarmos nessa ideologia existente no meio educacional, não somente os exemplares da coleção, mas a grande parte dos livros didáticos recomendados pelo Governo possuem embutidos uma certa ideologia, levando a uma educação programada, ou seja, ensinar e aprender o que um sistema superior ao educacional deseja aos indivíduos, nos tornando "prisioneiros" de uma rede de poder dos que possuem mais capital cultural, econômico e político em detrimento da classe popular, que acredita em um grande investimento que é feito a eles, porém, buscando o esvaziamento dos conteúdos e falta de compreensão do mundo.

4- O Livro Didático de História e algumas perspectivas no Trabalho Docente.

Considerando a democratização do Ensino, a acessibilidade dos alunos com os conteúdos teóricos por meio dos Livros Didáticos, particularmente os da área de História, nossa sociedade com os avanços tecnológicos e as transformações sociais necessita desenvolver no meio educacional atividades e materiais rumo a um contato com as novas informações que não estão presentes plenamente nos livros.

Enfatiza-se que no momento que iniciamos a compreender os fenômenos que ocorrem ao nosso redor, possuímos uma vantagem diante de novas experiências e materiais que trazem discussões semelhantes ao que vivemos. Nesse contexto, encontramos alguns materiais didáticos colaboradores para as aulas de História, como por exemplo, os livros paradidáticos de História, filmes, imagens, documentos históricos, mas vistos por muitos docentes como materiais "tapa-buraco" ou sem maiores utilidades às aulas.

Por mais que sejam materiais existentes há algum tempo como aliados educacionais do livro didático de História, muitos professores não os vêem com esse papel para as aulas de História do Ensino Fundamental, atribuindo por falta de uma formação dinamizada ou por acomodamento, colocando para o livro didático de História o único meio sistemático e

"correto" para a aprendizagem, trazendo alienação ao invés de trabalho diferenciado com outros meios de informação.

A esse respeito, Freitag comenta que

"...os professores fazem a indicação dos seus livros baseados em critérios bastante heterogêneos(aspecto gráfico, envio gratuito do livro pela editora, seu relacionamento na lista da FAE, sua indicação por um colega, etc). (...) Os professores não escolhem o livro depois de um exame minucioso do seu conteúdo ou de uma experiência prévia com alunos, mas basicamente movidos pelo comodismo e conformismo. (1989, p.110-111)

Mas, esse bloqueio muitas vezes não parte somente do corpo docente, pois, a direção da escola ou coordenadores de um local escolar preferem somente os livros didáticos por ser mais cômodo e fácil para estoque e distribuição a todos os alunos, deixando em segundo plano por algumas vezes a qualidade das aulas e um rendimento satisfatório de todo o grupo.

Partindo dessa premissa,

"... o mundo hoje, apresenta-se complexo. A produção de informações, sua disponibilização em redes, freqüentemente, nos deixam confusos. È preciso "lê-las" com "instrumentos" que possibilitem o desvelar dos sentidos, dos interesses que nelas estão contidas, mas que não se revelam claramente."
(PEREIRA APUD LOMBARDI, 2003, p.130).

A ocorrência dessas novas informações, principalmente na América Latina traz a tona a chamada "revolução informacional", que consiste em algo "parcial e limitada" (GAMBOA apud LOMBARDI, 2003, p.103), privilegiando apenas um grupo, ou seja, aqueles que possuem maior dinamismo sobre os vários meios de informação e conhecimentos prévios. Por isso, lembramos neste momento que, se nossos alunos desejam um futuro brilhante e promissor diante das transformações sociais e nossos professores almejam aperfeiçoamento de sua profissão docente dentro do meio educacional necessitam agregar outros materiais que não sejam só os livros didáticos de História, mas outras fontes que proporcionem um preparo diante da "revolução informacional", que é uma vertente para os próximos anos.

"Nesta dimensão, a função da educação fica em-
tendida como um trabalho voltado para a mudan-
ça de concepções e práticas, ou seja, uma forma
de conceber o homem historicamente situado, na
sociedade e no seu trabalho. Para tanto, este traba-
lho implicará, preferencialmente, num processo sis-
tematizado e conseqüente da capacitação de recursos
humanos que atuam na educação no âmbito
das políti-
cãs educacionais, planejamento global e na definição
dos conteúdos fundamentais para o processo educacio-
nal, com a participação efetiva de, no mínimo, os pro-
fessores e alunos."
(BRINHOSA APUD LOMBARDI, 2003, p.49).

Contudo, para que a Educação que tanto almejamos possua qualidade, principalmente na América Latina, as modificações necessitam

ser evidentes, pensando-se por meio do governo em livros didáticos "menos alienantes" e ampliadores de conhecimento, para o professor, uma prática que seja flexível a transmissão dos conhecimentos e aos materiais usados para tal tarefa, que não se restrinjam somente ao livro didático, que deve se tornar um material de apoio e não o único apoio. Generalizando ainda num segundo instante também, as condições que nossas escolas estaduais estão inseridas, que necessitam de uma atenção especial, pois, além de oferecerem ao grupo onde ela se faz presente situações de crescimento para a vida, contribuem para uma superação do que a massificação do ensino um dia proporcionou e que deve ser repensada.

5-Considerações Finais

A realização deste trabalho pode sintetizar algumas discussões acerca dos livros didáticos de História que precisam ser sempre repensadas, como por exemplo, a sua utilização em sala de aula com influências na formação para a cidadania, além do trabalho de professores e alunos com uma única forma de material didático, deixando em segundo plano a pesquisa, o contato e criação de novos saberes ao crescimento de cada um dos indivíduos.

A respeito do Livro Didático de História, mais precisamente na coleção citada , pode-se explicitar claramente o que nossos materiais adotados nas escolas estaduais transmitem aos indivíduos que usufruem destes livros, porém, como qualquer material, apresentou vertentes positivas e negativas em uma primeira amostra trabalhada, sendo um aspecto que se pretende aprofundar em algumas análises posteriores, por meio de entrevistas num trabalho de campo no interior das escolas.

Muitos são os comentários efetuados pela mídia ou pelo próprio sistema educacional sobre os livros didáticos, mas um ponto que sintetiza grande parte do que se apresentou neste trabalho é de que, quanto mais os

docentes e discentes iniciarem uma reflexão sobre as funções que possuem "dentro e fora" do universo escolar, concomitantemente com as modificações apresentadas pela sociedade em que vivemos, mais estarão preparados para um confronto com muitas ideologias existentes e impostas pelas classes dominantes, não somente do saber, mas também do ter e querer. Do contrário, estabelecendo um único material de trabalho, "...os livros parecem estar modelando os professores." (FREITAG, 1989, p.111)

Deste modo, estudarmos a História com apoio do livro didático de História "...não se constitui em uma mera descrição. Ela é uma elaboração, uma versão da realidade". (DALAROSA APUD LOMBARDI 2000, p.48).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS e BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BONAZZI, Marisa; ECO, Umberto. **Mentiras que parecem verdades.** São Paulo: Summus, 1980, 135p.

BRASIL, FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FNDE -. **Histórico dos Livros Didáticos no Brasil.** Disponível em http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=livro_didatico.html. Acesso em 16/03/2008.

CARDOSO, C.F.S. O Método científico em História. In: **Uma Introdução a História**. Brasiliense, 4ª edição, pp.45-71.

DEIRÓ, Maria de Lourdes Chagas. **As Belas Mentiras:** *a ideologia subjacente aos textos didáticos*. São Paulo: Centauro, 2005,216p.

ENGUITA, M.F. **A face oculta da escola**: Educação e Trabalho no Capitalismo. (Tradução Tomaz Tadeu da Silva). Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, 252p.

FREITAG, B; COSTA, W.F; MOTTA, V.R. **O Livro Didático em Questão**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989, 159p. (Coleção Educação Contemporânea).

GATTI JUNIOR, D. **A escrita escolar da História:** Livro didático e ensino no Brasil(1970-1990). Bauru, Edusc, 2004,250p.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da Leitura para a Leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática, 2002, 6ª ed., 112p.(Série Educação em Ação; Prêmio Jabuti 1994).

LAJOLO, Marisa. **O livro didático em questão.** Brasília, MEC, 1998 (debates)

LOMBARDI, J.C. (org.). **Globalização, pós-modernidade e educação**: História, Filosofia e Temas transversais. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Caçador, SC: UNC, 2003, 2ª ed.rev. e ampl. 234p. (Coleção educação contemporânea)

LOMBARDI, J.C. (org). **Pesquisa em Educação**: História, Filosofia e Temas Transversais. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Caçador, SC: UNC, 2000, 180p.

MONTELLATO, A.R; CABRINI, C. A; CATELLI JUNIOR, R. **Tempos e Culturas** – 5ª série – São Paulo: Scipione, 2002, 1ª Edição. (Coleção História Temática.)

MONTELLATO, A.R; CABRINI, C. A; CATELLI JUNIOR, R. **Diversidade Cultural e Conflitos** – 6ª série – São Paulo: Scipione, 2002, 1ª Edição. (Coleção História Temática.)

MONTELLATO, A.R; CABRINI, C. A; CATELLI JUNIOR, R. **Terra e Propriedade** – 7ª série – São Paulo: Scipione, 2002, 1ª Edição. (Coleção História Temática.)

MONTELLATO, A.R; CABRINI, C. A; CATELLI JUNIOR, R. **O mundo dos Cidadãos**– 8ª série – São Paulo: Scipione, 2002, 1ª Edição. (Coleção História Temática.)

SILVA, A.C. *et al.* A leitura do texto didático e didatizado. In: CHIAPPINI, L. **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo, Ed. Cortez, 1997.p.31-93.

ZEQUERA, L.H.T. **História da Educação em Debate**: As tendências teórico-metodológicas na América Latina. Campinas, SP: Alínea, 2002. 151p.